

ANCESTRALIDADE AFRICANA E ESPIRITISMO NA UMBANDA

Sirlene Martins Faria*
Daniel Precioso**

O texto a seguir é o resultado de um diálogo entre um historiador e uma mãe de santo. O historiador, um estudioso das religiões centro-africanas, pautou a conversa pelos seus interesses de pesquisa; já a mãe de santo discorreu sobre os assuntos tratados a partir da sua vivência religiosa e do seu conhecimento da doutrina umbandista.

A ancestralidade e as manifestações espirituais, não obstante as diversas matrizes religiosas da Umbanda, foram tematizadas pelo historiador apenas a partir da religião tradicional dos povos bantu, da África Centro-Occidental. Assim, apesar da diversidade do panteão umbandista, o historiador insistiu, propositalmente, no debate sobre os pretos velhos, entidades de africanos da época da escravidão brasileira.

O ponto de partida do historiador foi o culto aos antepassados nas sociedades da África bantu, que foi transplantado e ressignificado no Brasil. Sabemos que não há culto aos antepassados mortos na Umbanda. Com efeito, a mãe de santo afirmou nunca ter vivenciado em seu terreiro casos de malefícios causados por parentes mortos de consulentes, que demandassem rituais de apaziguamento.¹

O historiador se habilita a conjecturar aqui que a perseguição aos rituais africanos e a situação marginal do negro foram os fatores históricos que determinaram a transformação do culto africano aos antepassados no Brasil: apartados da terra natal, onde se encontravam assentados os seus ancestrais cultuados, os africanos viveram na diáspora uma situação de anomia social e espiritual, já que o mundo visível e o invisível estavam, para eles, intimamente interligados. A ressignificação da ancestralidade dentro dos cultos afro-brasileiros foi, assim, uma resposta criativa e possível dos escravizados frente ao contexto em que viveram.

Fontes inquisitoriais demonstram que os espíritos manifestados durante os Calundus do Brasil escravista passaram a ser tratados como “filhos”, e não mais como “pais”, atitude que projetava no futuro a refundação – ainda que ritual – dos laços de parentesco (MARCUSI, 2018, p. 32). Mantendo-se perseverantes na fé durante a experiência do cativo, estas pessoas, após a morte, acabaram tornando-se ancestrais coletivos da população escrava no Brasil. Este processo histórico de ressignificação da ancestralidade africana, levaria – na longa duração e após novas ressignificações – ao culto afro-brasileiro do preto velho.²

Como seres iluminados que já completaram a sua evolução e divinizaram-se – perdendo, por isso, as suas individualidades espirituais ao se juntarem a uma corrente

* Diretora do Terreiro de Umbanda “Caminho de Aruanda”, Quirinópolis-GO.

** Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás.

1. O malefício de origem espiritual – explica a mãe de santo – se dá no caso de espíritos não evoluídos, que repetiram más ações ao longo de suas encarnações, e, não suportando a escuridão do reduto espiritual para o qual foram enviados, retornam à Terra para obsediar os vivos. Diferente do que ocorria em África, onde não havia a concepção de reencarnação, estes espíritos – por não serem de antepassados mortos cultuados – não são acomodados ao corpo dos “pacientes” que frequentam os terreiros de Umbanda, nem recebem oferendas.
2. De antepassado à preto velho: eis o percurso de formação de uma corrente espiritual formada por africanos escravizados. Este processo de gênese é histórico e subjacente à explicação simbólico-cultural do preto velho, comumente usada pelos estudiosos da Umbanda (Cf., por exemplo, NEGRÃO, 1996, p. 145 e BARROS, 2013, p. 2).

de espíritos congêneres –, os pretos velhos “descem” como guias nas giras de Umbanda para ajudar os vivos, mas também para doutrinar espíritos revoltados. Mesmo com as diferenças assinaladas, os antigos Calundus e as modernas Umbandas se assemelham por serem religiões contra-hegemônicas e propiciadoras da restauração do equilíbrio – individual ou comunitário – rompido por forças do além e/ou por maus comportamentos dos próprios vivos.

Conjeturas (do historiador) a parte, o leitor conhecerá no texto a seguir o ponto de vista da mãe de santo sobre este e outros temas ligados à espiritualidade umbandista – que, como depreendemos dos argumentos dela, são tributários do intercâmbio entre concepções africanas e kardecistas, as quais estiveram na origem do processo de codificação da Umbanda como uma nova religião no início do século passado (MAGNANI, 1991).

Pretos velhos e vovós Marias Congas: os espíritos de luz

Na linguagem da Umbanda, os pretos velhos se tornaram luzes espirituais, porque foram espíritos desencarnados de antepassados, da época de escravos. Muitos são espíritos que desencarnaram depois, mas integram a corrente dos pretos velhos porque receberam rótulos, como vovó Maria Conga, Pai Joaquim, Pai João, Pai José, Pai Mané, Pai Maneco, que é uma corrente formada por pretos velhos que vieram da África e se tornaram escravos.

Esses escravos sofreram muito. Eram muito humilhados e maltratados, como todos sabem pela história da escravidão. Mas, mesmo sendo tão maltratados e feridos, ainda clamavam à Deus. Pediam libertação à Deus, se curvavam e acreditavam. Tinham fé que seriam libertados.

Quando desencarnavam, voltavam para ajudar os seus irmãos a atravessar aquela fase dolorida, aquele sofrimento da escravidão. Então, as velhas Marias Congas – que são várias: a avó Maria Conga, Mãe Maria, Mãe Benedita, Mãe Joaquina – são todas daquela época. Quando elas desembarcavam, vinham com nome, mas quando chegavam aqui no Brasil, os senhores de escravos davam outro nome para o negro. Quando eles passavam a clamar a Deus e a entregar a verdadeira espiritualidade, mudavam de nome. Eles mesmos colocavam esses nomes. Portanto, quando desencarnavam é que mudavam de nome. Isso porque, a partir daquele momento, a escrava desencarnada não se chamava mais, por exemplo, Francisca, mas avó Maria Conga porque era uma pessoa abençoada. Era uma pessoa que clamava e foi ouvida. Foi uma pessoa que, apesar do sofrimento, conseguiu atravessar todas as dores – igual ao Pai João, o Pai Joaquim. Assim, eles são espíritos que ganharam a libertação, que se transformaram em anjos da guarda para

ajudar outros negros a atravessarem as mesmas dificuldades. Estes pretos velhos são os mesmos em todos os terreiros. São as mesmas essências. Só falam em linguagens diferentes, porque todo terreiro tem o seu fundamento. Trabalham de uma forma diferente. Nem todos são iguais. Nós temos dez dedos na mão; todos os nossos dedos são diferentes; um não é igual ao outro. Embora cada mão tenha cinco dedos, os dez são diferentes. Do mesmo modo, em cada terreiro o fundamento é diferente, pois eles trabalham de forma distinta. Por exemplo: pretos velhos sempre trabalhavam em pé; mas hoje muitos já trabalham sentados; outros já trabalham no chão. Varia de acordo com o comportamento do médium.

Os pretos velhos e as vovós Marias Congas viveram de fato. São os africanos que vieram escravizados ao Brasil e se tornaram espíritos de luz depois de desencarnados. Já não são mais simples espíritos daquelas pessoas escravizadas: transformaram-se numa luz diferente, que ilumina os terreiros de Umbanda, embora cada um deles tenha uma forma específica de trabalho.

Vale a ressalva de que não foram apenas os africanos que se transformaram em espíritos de luz. Outras pessoas, como antigos senhores de escravos, também passaram por semelhante transformação. Mas por que senhores de escravos? Se eles foram tão maus, tão perversos? Porque eles se arrependeram.

Após desencarnarem, se entregaram ao trabalho numa seara para poderem se redimir de todo mau que fizeram lá atrás, na época da escravidão. Uma forma de transformar aquela crueldade em bondade.

No Caminho de Aruanda³, não há casos de manifestações espirituais de pessoas que viveram e desencarnaram localmente, mas de espíritos que já desencarnaram há muitos anos e depois não reencarnaram novamente. Vieram como espíritos de luz para ajudarem ao próximo. A Umbanda acredita que temos várias encarnações, mas é nosso livre arbítrio reencarnar. Se nós não quisermos reencarnar e servir por meio da acoplação⁴, nós temos o livre arbítrio também. Temos preparação no mundo espiritual para poder dar esse aval necessário, que o ser precisa quando desencarna.

Reencarnação, carma e missão espiritual

Na Umbanda, crê-se que as pessoas desencarnadas escolhem reencarnar. E fazem essa escolha porque ainda têm alguma coisa a ser cumprida no mundo terrestre, alguma evolução espiritual ainda em débito nesse plano. Às vezes, pessoas reencarnam e não cumprem o que tem que cumprir; às vezes, desencarnamos antes da hora devido a algum fato. E quando chegamos no mundo espiritual, não cumprimos nossos desígnios. Nesse caso, fica uma situação doentia para o espírito. Algo ficou vago. Uma missão não foi cumprida, a pessoa não se libertou. Veio para redimir e consertar e fez tudo errado. Por isso, esse espírito desencarnado pede para

3. Terreiro que a coautora deste texto dirige em Quirinópolis, município do sudoeste goiano.

4. Isto é, por meio do espírito.

reencarnar. E sempre reencarna na mesma família: às vezes, como irmão, como pai, como filho; e como tio, como parente próximo. Desse modo, quando ocorre a reencarnação, pode ser que a pessoa cumpra ou não o seu propósito. As pessoas comentam: “Aquilo é um carma”. Se torna um carma porque a pessoa já veio tantas vezes ao mundo terrestre e não regenerou. Muitos já vieram em tantas encarnações e não mudaram. Continuaram do mesmo jeito ou pioraram. O que não conseguiram mudar se torna um carma. E como se livra de um carma na Umbanda? Dando amor, compreensão, mostrando entendimento, lutando para que aquelas pessoas que não conseguiram regenerar possam ter uma melhor compreensão da sua condição espiritual.

Há também espíritos que não se libertam de coisas ruins que sofreram em vida. Estas pessoas desencarnam e, como vimos, não cumpriram os seus propósitos. Elas não aceitam, não têm amor, não têm humildade, não têm caridade. Não têm nada. Se tornam espíritos revoltados, que não aceitam a luz divina, que não aceitam ir para uma seara, para uma escola. Acabam indo para o Umbral.⁵ Chegam lá e veem muitas atrocidades, muito sofrimento e se deslocam para a Terra novamente, para o meio dos seres humanos. Estes espíritos revoltados começam a obsediar os encarnados. Começam a perturbar os vivos. Alguns são dados como loucos porque não entendem isso, veem vultos, veem coisas, sentem medo, sentem pavor porque não tem esclarecimento. Mas esses espíritos, doutrinados com amor, sendo elevados para a luz, também ganham libertação. Muitas vezes, pessoas buscam atendimento nos terreiros de Umbanda devido a esse tipo de situação. A Umbanda faz a cura espiritual, embora muitos procurem os terreiros para a cura de uma doença material, do corpo. Se a pessoa doente procurar um terreiro e tiver fé, se tratar a doença no médico juntamente com a espiritualidade, ela se liberta daquela doença – se haver cura.⁶

A partir do momento em que a pessoa desencarna, nada vem buscar na Terra, a não ser uma oração como um ato de caridade, de libertação e de luz. A Umbanda não acredita que a bem aventurança dos vivos dependa de oblações, rezas, oferendas ou festividades em honra dos parentes mortos.⁷ Efetivamente, não se oferece para pais, avôs e etc. na Umbanda, como se fazia na África Central. Mas a Umbanda oferece os orixás. Por qual motivo? Orixás é uma coisa diferente de pessoas da família que já faleceram. Os orixás são divindades criadas por Oxalá, que também é uma divindade, que é Deus Pai Todo Poderoso, Olorum, que é o Deus que criou todo o universo, se tornou o senhor do universo. De acordo com a Bíblia – e a Umbanda se baseou muito no catolicismo – Moisés não fazia oferta a Deus? Não matava um carneiro? Ele não era um profeta? Obá, assim como Oxum, Ogum, Iansã, Oxóssi, Oxalá e Deus Pai Todo Poderoso, que é Olorum, to-

5. Umbral, segundo a definição espírita, se refere a um estado ou lugar de transição onde os espíritos que não souberam aproveitar a oportunidade de evolução na Terra são encaminhados provisoriamente. Essa definição vem do Espírito André Luiz, na obra *Nosso Lar*, psicografada pelo médium Chico Xavier. No capítulo intitulado “O umbral”, lê-se: “O Umbral começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...] O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado [...]” (XAVIER, 1996, p. 69-70 e 71).

6. Muitas vezes, a doença pode ser um “chamado” para as pessoas viverem a sua espiritualidade.

7. Essa crença é observada em religiões tradicionais da África Central (Cf., por exemplo, SWEET, 2007).

dos são divindades espirituais na Umbanda, aos quais são feitas oferendas. A Umbanda não tem rituais de corte, matança e sacrifício. Tem o ritual de oferendas com frutas. A carne já morta também pode ser oferendada. A carne do animal já abatido, feita com uma farofa, é diferente de – como ocorre nos candomblés – cortar o animal, e sacrificá-lo, colocando-o dentro do pratinho para oferendar. Na Umbanda se oferta com frutas, flores, perfumes, que são essências – para quem não conhece, perfumes; mas é correto dizer essência porque é algo que cheira –, e a comida em si, que é a farofa, que é o padê.⁸ É a comida fria, por assim dizer.

Mas os pretos velhos não podem ser entendidos como antigos parentes mortos (da época da escravidão) da população negra brasileira frequentadora dos terreiros de Umbanda? De fato, a Umbanda oferta aos pretos velhos na linha das almas, que são as almas benditas, sabidas e entendidas. É feito um prato com o que eles gostam, que é luz, água e pão. No terreiro Caminho de Aruanda, há também um prato oferecido a eles com maisena, parecido com um pavê. Ele é colocado no pratinho, com leite de cocô, e oferecido às almas. Não se oferta assim: “isso aqui é para Vovó Maria Conga ou Pai Joaquim”; oferta-se a todas as almas benditas, sabidas e entendidas. Àquelas que vem cumprir a caridade, com amor e para o alento daqueles que precisam receber a paz espiritual. Isso porque eles são os espíritos desencarnados. Não tem aquela história de que “a Vovó Maria Conga foi minha madrinha, minha tia, minha avó lá na sexta geração de meus antepassados. Não é isso. Todos são tratados como um só.

O terreiro ajudar as forças espirituais. Trabalha *com* elas, mas também *por* elas. A lógica é a seguinte: “Eu te ofendo para que eu possa receber”. Eu te dou luz para que ela possa me iluminar. É uma via de mão dupla.

As consultas: a conexão entre o médium e o guia espiritual

Fala-se, com frequência, em “adivinhação” nas religiões afro-brasileiras para se referir a possibilidade de conhecer fatos ocorridos no passado, aparentemente escondidos, ou que ainda estão por acontecer. No entanto, a Umbanda não acredita em adivinhações. Acredita-se numa percepção, numa conexão, por assim dizer, do médium com o orixá ou do médium com o seu guia espiritual, aquele que tudo passa para poder fazer a revelação. Mas adivinhação, não é possível dizer que a Umbanda tenha esse tipo de preceito. Nem mesmo o baralho é uma forma de adivinhação: cada contagem do baralho tem um significado. Se a mãe de santo coloca o baralho e “cai” uma determinada carta, aquela carta está destinada a isso. Não é uma adivinhação. Adivinhação é saber o que uma pessoa está pensando, por exemplo, do outro lado de um muro, em outra casa, em outro lugar. Mas como a mãe (ou o pai) de santo sabe tudo o que o consulente fez, falou ou está pensando? Isso não é adivinhação, é a mediunidade de

8. Padê é o alimento (oferenda) de Exu. No Candomblé, como observou Roger Bastide (1961, p. 23), “embora o padê se dirija antes de tudo a Exu, comporta também obrigatoriamente uma oração para os mortos ou para os antepassados do candomblé alguns dentre eles sendo mesmo designados por seus títulos sacerdotais.”

sentimento, de audição, de visão, de percepção. A mãe de santo adivinhou? Não adivinhou. Está incorporada. Seu guia está lhe falando. A sua conexão está certa. Conforme o jeito que o consulente respirar, aquela entidade que está ao lado da mãe de santo vai saber o que ele está sentindo. Mas isso não é adivinhação.

Os guias e as entidades têm outra noção de tempo. Podem caminhar para o passado, para o futuro. Não têm paredes, não tem hora e nem tempo. É como se eles fossem o ar que nós respiramos. Assim, eles têm uma consciência de coisas que não estão necessariamente no presente. Isso porque dentro do nosso cérebro estão guardadas muitas lembranças. E, às vezes, muitos têm essa célula bem ativa, e muitos não têm. E, às vezes, se temos a percepção, sentimos que nosso amigo está com um problema. Se temos essa sensibilidade, que é muito sutil, vamos saber que nosso amigo vai cometer um ato errado ali na frente. Por vezes, mesmo sem ver ou ouvir, sentimos que um familiar chegou na nossa casa. Quando ele chega no portão, nós sentimos. Mas não é adivinhação. É uma conexão que nós temos. É como se estivéssemos sempre ligados, conectados, como se as nossas mentes estivessem na mesma sintonia, com o mesmo pensamento.

Seja como for, as pessoas buscam o terreiro de Umbanda com o objetivo de se consultar para ter alguma revelação, fruto dessa concepção de que os médiuns têm poder divinatório. As pessoas vêm em busca de amor, para fazer outras pessoas se separarem ou para manter uniões que estão acabando (ou já acabaram). Por exemplo, o casamento acabou; e a pessoa acha que ele não pode acabar e que tem que voltar para o ex-companheiro. E não é assim. Se o casamento acabou é porque algo estava errado. Algo não estava bem. Também se busca o terreiro para saber o que ocorreu em vidas anteriores. Muitas vezes as pessoas perdem um ente querido e querem saber notícias, saber alguma coisa. Antes de sete anos, a Umbanda não acredita que um espírito tenha condição de vir para falar aos vivos. Após desencarnar, eles passam por um processo: primeiro eles têm que ter a cura, têm que encontrar a luz, têm que estar bem consigo mesmos, para poder ter uma conexão. Já o psicógrafo, que é a pessoa que psicografa, ela tem uma visão ou percepção, quando está escrevendo, de entrar em sintonia com esse espírito lá onde ele estiver – no hospital, lá onde eles ficam no descanso; eles estão aprendendo: muitos vão para uma escola; muitos vão para um lar, um abrigo, onde há um estudo mais aprofundado para obterem a compreensão do porquê desencarnaram, pois ninguém quer desencarnar. Da mesma forma que se psicografa, o espírito pode “descer” no médium bem preparado, um médium de inteira confiança. No terreiro Caminho de Aruanda, ninguém psicografa. Lá apenas se trabalha com o espírito de luz acoplado. Não se faz milagres. Leva-se o amor e a caridade.

Para se estabelecer uma conexão entre o médium, a mãe do terreiro, e os espíritos de luz, há um ritual, no qual se abre um portal com cânticos, com pontos cantados e com pontos riscados. A partir desse momento, vai-se “mantrando e mantrando”, e chamando o espírito por meio do ponto cantado, do ponto riscado. Quando o guia “desce”, ele risca o seu ponto. O que é o ponto riscado? É um portal por meio do qual o espírito passa para o lado de cá. Ali tem a assinatura dele. Ali ele não tem como mentir. Porque se ele não souber fazer aquele ponto, e se a mãe do terreiro ou o Ogã que é responsável, que são os olhos da mãe, não vê a assinatura do preto velho, do baiano, do boiadeiro, do marinheiro lá no ponto, ele está mistificando, ele não está 100% incorporado. O ponto riscado é, assim, algo que autentica a manifestação de uma determinada entidade. É justamente por esse motivo que eles não são ensinados na Umbanda, que eles não são escritos para os médiuns. Por isso, muitos poucos ficam na corrente dos terreiros. Não sabem que é ali que eles estão sendo pegos!

Os pontos riscados são, portanto, algo que se manifesta espiritualmente. Têm pessoas que não sabem escrever. Têm médiuns do Caminho de Aruanda que não sabem ler, mas sabem fazer o ponto. Riscam o ponto certinho e sabem a identificação de quem é o preto velho: se é um preto velho do cruzeiro, se é um preto velho das almas, se é um preto velho quimbandeiro, se é um preto velho de luz... Têm que ter lá o seu risco no ponto, a sua assinatura.

Na fachada do terreiro Caminho de Aruanda, há um triângulo com dois círculos, dentro dos quais estão inscritos pontos riscados (ver imagem abaixo):



Fonte: foto dos autores.

Nos círculos da imagem, são apresentados os comandantes e protetores do Caminho de Aruanda, quais sejam: Ogum, Oxalá, Oxum, vó Maria Conga, vó Cambinda. A última entidade trabalha tanto na direita como na esquerda, e seu ponto é cruzado no garfo. Se o médium incorporar e não saber riscar o ponto, não é 100% incorporado. Está irradiado.

A incorporação na esquerda e os espíritos obsessores

A incorporação, na direita e na esquerda, possui diferença. Na esquerda, são espíritos de pessoas muito ruins que vieram sob a Terra, mas que se regeneraram e resolveram servir a Deus Pai Todo Poderoso na esquerda, na escuridão, sendo comandantes das almas onde ninguém pode ir. Vão até os territórios mais perigosos. São os “soldados”, a “polícia”. Aqueles que dão o caminho, dão luz. Logo, não são espíritos sem luz. Geralmente, as pessoas se equivocam sobre Exu e Pomba Gira, sobre direita e esquerda. O Exu tem a função de, metaforicamente falando, “limpar as feridas”. O preto velho está ali vestido de branco, o Exu vem, vê a “ferida” muito feia, tira e limpa aquela “ferida”. Em seguida, o preto velho vem com a cura, com a medicação, fazendo o que é possível para realizar a cura necessária.

Se a pessoa obsediada comete um ato muito “inflado”, o que acontece? Exu vai até onde está o espírito causador e o prende. Após isso, a obrigação do preto velho é acalantar aquele espírito. Exu e o preto velho, juntos, têm que fazer aquele espírito entender que ele está errado, que ele precisa ir para a luz, que ele teve um chamado, que chegou o momento de sair daquela escuridão. Como o preto velho não pode ir à escuridão, é Exu que busca e traz o espírito.

Consideremos a seguinte situação: uma pessoa está na sua residência, e está muito obsediada, mas não consegue vir até o terreiro. Um parente dela vai ao terreiro e o preto velho fala para ele: “Pode ir para casa, que logo nós vamos buscar ele”. A gente faz uma oração, faz uma firmeza, abre um ponto, coloca o nome da pessoa. Logo, o familiar consegue trazer a pessoa ao terreiro e ela consegue ser tratada, na esquerda e na direita. O obsessor é transplantado para uma pessoa preparada e doutrinada. Porque ele, na pessoa que não tem entendimento, não consegue ser doutrinado. Já, com uma pessoa esclarecida e preparada, por mais que ele se esforce para não ser doutrinado, não consegue escapar. Ele tem que aceitar a luz, porque ele não aguenta.

As pessoas que se consultam no terreiro conseguem dialogar, de algum modo, com os espíritos. Isso já aconteceu no terreiro Caminho de Aruanda. O terreiro tem uma trunqueira, isto é, um ponto na entrada da casa, firmado com guardiões – Exus que protegem a Casa por serem, como já dissemos, espécies de “polícias” que dão a última palavra. A trunqueira é, portanto, o que segura os espíritos obsessores, para que no atendimento da gira não aconteça uma interação entre a pessoa obsediada e o espírito obsessor. Mas, de vez em quando, acontece de a trunqueira não conseguir segurar o espírito, porque a necessidade desse espírito descer é muito grande.

A pessoa obsediada entra no terreiro e toma o passe.

E lá fora o espírito obsessor está sendo seguro por espíritos da esquerda preparados, que estão ali como “polícia” – vamos falar assim – “astral”, mostrando para o espírito que ele não pode fazer aquilo com aquela pessoa, que ele não é dono daquela pessoa, por qualquer motivo que seja. Mas, às vezes, se o argumento do espírito for muito viável no seu plano, ele se solta e pega a pessoa dentro do terreiro. A pessoa obsediada entra em desespero, começa a chorar, começa a gritar, se debater. Os membros da corrente seguram ela, para que não se machuque. Daí se arruma uma pessoa que tenha condição de um “transporte”. Faz-se uma oração e se “puxa” o espírito para outra pessoa, para os médiuns o doutrinarem. E a pessoa, não mais obsediada, vai embora tranquila, curada. Há espíritos que tinham, em encarnações anteriores, relações com as pessoas que obsediam: pode ser um parente que faleceu tragicamente; pode ser uma avó, que gostaria de vir, e achando que está ajudando, está atrapalhando; pode ser um pai, que foi perverso, mal e, às vezes, está em busca de uma reconciliação. Mas depois que desencarnamos, não temos condições de ajudar ninguém, porque estamos numa seara, numa escola, e ainda temos que aprender para poder voltar aqui, no mundo terrestre. E quando voltamos, temos que estar acompanhados. Não podemos ir sozinhos porque podemos nos perder. O mundo espiritual é, nesse sentido, como o mundo terreno: os espíritos podem se perder na transição, ao vir para cá. De fato, acabam se perdendo e pode acontecer ainda que espíritos obsessores os prendam. Podem ser escravizado e ter que trabalhar para espíritos inferiores até que os espíritos de luz os resgatem novamente.

Doença e cura

Acontecimentos das vidas das pessoas que frequentam o Caminho de Aruanda – nomeadamente, a doença e a cura – não são sempre explicados por motivos espirituais. Mas a depressão, por exemplo, é uma doença da alma. É uma doença espiritual, em que a pessoa começa a sentir que nada faz sentido na sua vida. Não se está satisfeita com nada. E a explicação para essa doença passa pela via espiritual. É possível que a pessoa já tenha procurado ajuda de outras formas e não conseguiu. Há pessoas que ficam anos e anos em tratamento de depressão e nunca se curam porque, às vezes, tem um espírito que já desencarnou há muitos anos, que tinha um problema muito grave, mas que não conseguia se libertar desse problema. Ou que, por não ter tido coragem de falar algo para alguém, se enforcou. A depressão faz a pessoa cometer erros, loucuras. Isso pode vir de encarnações passadas das pessoas, como também de antepassados ou do momento atual no nosso próprio mundo. Hoje, ontem, amanhã ou depois.

Tantas tragédias estão acontecendo. Nosso mundo está numa reviravolta de espíritos obsessores, de espíritos sofredores, de espíritos procurando a luz por não terem entendimento do porquê desencarnaram. Por mais que os espíritos de luz estão trabalhando e mostrando o caminho, é

é preciso também uma conscientização dos seres humanos. Do amor ao próximo, que não está havendo. Há, logo, uma sucessão de coisas, como se fosse um imã. Têm pessoas que são como uma esponja; absorvem tudo. Às vezes, tem um espírito lá na esquina e que, quando olha para cá, vê um rapaz de luz, ele fica louco. Fala assim: “Não! O que que é aquilo? Eu vou ver o que que é aquilo!” E acaba se aproximando e a pessoa já não tem aquela força que deveria ter. Começa a se sentir fraco, com dor de cabeça, com enjoo, com estômago ruim. Então, quem é aquela pessoa desencarnada? Às vezes, já estava até acompanhando a pessoa obsediada. Já aconteceu, no Caminho de Aruanda, que pessoas sentassem nos bancos de consulta do terreiro e comessem a passar mal seriamente. E eram pessoas super saudáveis. Mas o espírito está lá: só lançando fluídos negativos porque não quer que a pessoa venha ao terreiro, não quer que a pessoa descubra que ele está fazendo isso com ela, obsediando ela, trazendo o mal para ela. Porque um espírito sofredor não tem como ajudar um espírito encarnado.

Há o próprio médium, que tem a capacidade de trabalho, mas não quer assumi-la; mas, depois, os acontecimentos de sua vida acabam levando ao encontro do caminho espiritual. Os próprios consulentes do terreiro podem receber um chamado religioso em forma de certos infortúnios que emperram as suas vidas. Os praticantes de Umbanda, geralmente, aprendem que, para se chegar à religiosidade, existem dois caminhos: “Ou você vai pelo amor, ou você vai pela dor”. Então, às vezes, tem-se que passar por muitas dificuldades para ter um entendimento de que, quando pedimos para reencarnar, prometemos cumprir uma missão, cumprir alguma coisa. Estender a nossa mão para ajudar alguém. E quando reencarnamos, nos esquecemos. Repete-se o processo: nascemos, crescemos, amadurecemos, mas esquecemos dos votos que fizemos antes de reencarnar. O sofrimento nos leva aqui, ali, até que o guia nos encaminha e chegamos no lugar certo pelo caminho correto.

Votos feitos antes de reencarnar e memória das vidas pregressas

Os votos feitos antes de reencarnar geralmente se tornam inconscientes, mas muitas pessoas têm alguma consciência do retorno ao plano terrestre, quando, por exemplo, passando por certos lugares sentem que já estiveram lá. Possuem ainda uma vaga memória, lá no fundo, escondidinha. E, por essa via, sabem que voltaram. Mas, quando morremos, é como se não existíssemos mais nessa vida. Esquecemos de tudo, temos a nossa expiação. Quando voltamos, passamos por uma limpeza mental. De volta ao mundo espiritual, somos, porém, lembrados e cobrados dos votos que fizemos.

É possível que médiuns consigam ter acesso a fatos

ocorridos nas suas encarnações anteriores. Ouvimos relatos de uma mãe de santo que tem a consciência e a memória de um fato trágico de sua vida anterior. Ela tem visões de outra vida, na qual está toda arrebatada, como se tivesse morrido num acidente. Ela nos disse que não consegue dirigir porque tem medo. Até pouco tempo atrás, disse sentir medo até de entrar num carro. Quando era dia de pegar estrada, ficava doente. Parecia ver a todo momento o seu carro capotando, via a si própria totalmente ensanguentada, despedaçada. É como se vivesse aquilo novamente, disse ela. Com o passar do tempo, a mãe de santo foi trabalhando isso. Até que um dia o Seu Tranca Rua disse: “Não se preocupe, não é coisa grave; isso é uma coisa que veio de uma vida passada”. Assegurou a ela que este fato não se repetiria nessa vida. Foi aí que a corrente do terreiro dela descobriu o porquê do desespero que a mãe de santo sentia ao entrar num carro.

Energia vital e axé

A energia é uma coisa que sentimos. Quando passamos sobre um fio elétrico descascado, ele nos “puxa” ou nos “joga”. A energia boa é uma força que nos “puxa”, como se sentíssemos uma brisa batendo em nós. Algo que vem de baixo para cima, tomando conta do nosso ser, como se adormecêssemos. O médium consciente não adormece. Ele fica consciente. Ele ouve tudo. Ele sente tudo. Mas, no caso de médiuns inconscientes, é como se ele adormecesse. Como se fechássemos os olhos e estivéssemos dormindo, não tendo controle sobre nós mesmos. Mas alguma coisa está nos controlando. Assim, não nos debatemos contra isso. Entregamo-nos porque sabemos que não se trata de uma energia ruim. As mães e pais de santo sabem o que é uma energia boa. Sabem diferenciar uma energia ruim de uma boa. Sentir uma energia boa é como se a pele se arrepiasse e nos sentimos plenos, tranquilos. Pode cair o mundo, pode tropejar, pode cair o teto sobre nossas cabeças, e nada nos acontece. Sentimo-nos tranquilos.

O médium que é preparado, que trabalha realmente com seriedade dentro da espiritualidade, sente essa energia. Mesmo sendo consciente, o médium sente essa energia. É uma coisa inexplicável, às vezes. Tanto é que tem médiuns do Caminho de Aruanda que falam: “Eu não estou sentindo mais os meus pés. Estou com formigamento nos pés. Estou com as minhas mãos formigando. Estou com as minhas mãos geladas.” Têm médiuns que gelam as mãos; outros são quentes. É uma energia densa, gostosa. Por outro lado, uma energia ruim, não nos traz boas coisas. O médium, estando já incorporado, começa a tossir. Começa a ter falta de ar. Não consegue se conectar com a pessoa que está ali na frente dele. É uma energia totalmente separada.

Na Umbanda também se transmite o Axé. Comunga-se dessa energia. Nesse aspecto, pouca diferença há entre a Umbanda e o Candomblé. No último, os praticantes fazem as oferendas, fazem cortes, praticam o ato durante a sessão de

9. “O nome popular que designa esta cerimônia mostra bem tanto a função quanto o que tem de essencial: “dar de comer à cabeça”. A pessoa que a faz realizar senta-se numa esteira recoberta de pano branco, com o torso nu e uma simples toalha nos ombros. O sacerdote, igualmente vestido de branco para a circunstância, consulta primeiramente os *oubis* para conhecer a vontade dos deuses. Se estes aceitaram a cerimônia, começará por recitar, ‘em língua’, as fórmulas consagradas, pedindo a bênção dos *Orixá* e das almas dos antepassados; tritura entre os dentes uma noz de *oubi* e por três vezes cospe o conteúdo no rosto do paciente. Enquanto os assistentes entoam cânticos apropriados, diversos alimentos são preparados: parte será oferecida ao *Orixá* ‘dono da cabeça’, outra aos mortos, outra será disposta sobre a cabeça de quem faz realizar o *bori*, e a última enfim será cozida para a refeição final. E, o que é ainda mais importante, sacrifica-se um galo; seu sangue rega, além da pedra do santo, a cabeça, o peito, os pés e as mãos do *fiel*” (BASTIDE, 1961, p. 35). Os médiuns das religiões afro-brasileiras fazem esse ritual tanto na iniciação, no caso do *Candomblé*, quanto para reforçar a energia necessária para receber de forma controlada as entidades, tanto no *Candomblé* quanto na *Umbanda*, quando necessário.

de trabalho. Por exemplo: se tiver a sessão de um trabalho de esquerda, no *Candomblé* os praticantes sacrificam um animal para oferendar. Na *Quimbanda*, já rasgam um animal no dente, chupam o sangue lá no meio de todo mundo. Já, nas giras de *orixás*, não tem isso. Só tem muita dança, harmonização. Nesse ponto, *Umbanda* e *Candomblé* são distintos, pois, na última religião, o *orixá* dança. Os *candomblecistas* dançam para o *orixá*. E os *umbandistas* oferendam para os *orixás*. No *Candomblé* também oferenda, mas de forma diferente. Assim, dentro do Caminho de *Aruanda*, não se tem as danças rituais características dos *candomblés*. Na *Umbanda*, há os *atabaques*, os pontos cantados, com as *curimbas* firmadas, ponto riscado. Mas há médiuns da *Umbanda* que, às vezes, são chamados para um *bori*,⁹ na cabeça, como ocorre nos *candomblés*.

Considerações finais: africanidade na Umbanda

A *Umbanda* é, geralmente, definida como uma religião afro-brasileira. Mas o que há de africano na *Umbanda*? Para o Caminho de *Aruanda* é, principalmente, a figura do preto velho. Ele representa o amor, a humildade e a caridade dos ancestrais negros; é o que a *Umbanda* prega. Os membros da corrente *umbandista* têm essa linhagem e estão, portanto, conectados com o passado africano.

Referências

BARROS, Sulivan Charles. As entidades “brasileiras” da Umbanda e as faces inconfessas do Brasil. XXVII Simpósio da ANPUH. **Anais [...]**. Natal, jul. 2013.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia** (Rito Nagô). São Paulo: Editora Nacional, 1961.

CAES, André Luiz. **História, mistério, magia**: reflexões de um historiador e de um sacerdote sobre a experiência religiosa e espiritual na Umbanda. Curitiba: CRV, 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1991.

MARCUSSI, Alexandre A. Utopias centro-africanas - ressignificações da ancestralidade nos calundus da América portuguesa nos séculos XVII e XVIII. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 39, n. 79, 2018, p. 19-40.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: Edusp, 1996.

SWEET, James. **Recriar África**. Cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770). Lisboa: Edições 70, 2007.

XAVIER, Francisco Cândido. **Nosso Lar** (Obra Mediúnica ditada pelo Espírito André Luiz). Rio de Janeiro: FEB, 1996.

Este texto é o resultado de um diálogo entre um historiador e uma mãe de santo. A ancestralidade e a espiritualidade na Umbanda foram pautadas pelo historiador com base na religião tradicional dos povos bantu, da África Centro-Occidental, mas a mãe de santo discorreu sobre esses assuntos a partir da sua vivência religiosa e do seu conhecimento da doutrina umbandista. Como o leitor depreenderá, os argumentos da mãe de santo são tributários do intercâmbio entre concepções africanas e kardecistas, as quais estiveram na origem do processo de codificação da Umbanda como uma nova religião no início do século passado.

Ancestralidade, espiritismo, Umbanda.

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE

This text is the result of a dialogue between a historian and a mother of saint. The ancestry and spirituality in Umbanda were guided by the historian based on the traditional religion of the Bantu peoples of Central-West Africa, but the mother of saint discussed these matters based on her religious experience and her knowledge of Umbanda doctrine. As the reader will understand, the arguments of the mother of saint are tributaries of the exchange between African and Kardecist conceptions, which were at the origin of the codification process of Umbanda as a new religion at the beginning of the last century.

Ancestry, spiritism, Umbanda.

ABSTRACT

KEYWORDS

14

SIRLENE MARTINS FARIA

Diretora da Tenda Espírita de Umbanda
"Caminho de Aruanda". Quirinópolis-GO

DANIEL PRECIOSO

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1605-7135>
E-mail: daniel.precioso@ueg.br

RECEBIDO: 06.04.2023
ACEITO: 25.04.2023